

OUVINDO GUERRA JUNQUEIRO

O trabalho do apostolado democratico.—As suas phases e os seus exitos.

—A monarchia: o seu systema e os seus apoios.—A força moral dos republicanos não basta; necessita-se a sua força phisica.—Tel-a-lião?—Desanuiar e horisonte nacional deve ser o primeiro cuidado dos republicanos.—O crime eterno da Natureza—O bem absoluto, que é Deus.—Dentro de dois annos, eu não haverá Braganças, ou não haverá Portugal.

● ultimo artigo que Luiz Morote publica no *Heraldo* é, como annunciou o corresponde da *Lucta* em Madrid, o extracto da entrevista que o nosso illustre confrade teve com Guerra Junqueiro. Não resistimos á tentação de o transcrever na integra:

I

No mesmo dia em que partiu para Madrid, o grande poeta veio ver-me. A's sete da manhã já estava no hotel, e até ao meio dia, hora a que o comboio sae do Porto, estive-mos juntos, elle falando sem cessar, com aquelle verbo eliquente e vibrante com que trata todas as questões, eu ouvindo-o com uma devotissima stenção, com um prazer intenso, que só podem comprehender os que tenham tido a ventura de o escutar. Démos mil voltas pelo Porto, subindo e descendo calçadas, sem repararmos por onde iam, nem o insigne artista, nem eu. O mundo exterior não existia para nós, e quando, ao cabo de um largo passeio, nos encontramos em sua casa, na rua da Alegria, a conversação continuou, uma conversação que era um monologo de belos pensamentos, de brilhantes e maravilhosas phrases, que constituem a magia esplendida, unica pela sua beleza e pela sua grandiosidade, de um dos maiores cerebros da Península, e mesmo da Europa, na época contemporanea.

Guerra Junqueiro, o autor de *A Velhice do Padre Eterno* e de *A Morte de D. João*, de *A oração á Lux* e de *A oração ao Pão*, não pode falar senão em linguagem poetica, n'uma grande e sublime linguagem, em que os homens e as coisas tomam forma e representação de idéas, de principios, de forças cosmicas. Quem o ouve vê passar ante os seus olhos personagens-symbols, energias promotoras da grande lucta universal, e acha-se transportado a novos mundos ideaes, em que o Bem, a Justiça, o Progresso, a Liberdade tomam forma e substancia. E' um encanto, uma delicia, seguil-o por aquelles andurrias de um ceu novissimo, um ceu em que moram os deuses de todas as religiões, o logar da bemaventurança, que não é estatico e passivo, mas perpetuamente dynamico e transformador, n'um anho eterno de perfeição.

Christianisar o deus Pan e paganisar Christo, eis a sua admiravel formula synthetica, que elle desenvolve com uma logica avassaladora e convincente e com uma inspiração poetica em que tudo canta e tudo vibra ao sopro de uma intelligencia construtora. Vive Guerra Junqueiro em perdora-vel produção de idéas, de systemas, de doutrinas, e, por isso, quando parece que desceu á terra para falar de politica, é que prosegue nas alturas do seu ceu ideal, onde transportou reis, governantes e povos para os submeter a uma palingencia renovadora, em que uns caem condemnados a eternas penas expiatorias e outros se elevam para zosar a gloria e o bem. Pretender encerrar nas formulas usuas de uma *interview* a sua magnifica poesia em prosa é quasi um impossivel, e comquanto eu o vá tentar, é sacrificando a radiante beleza das concepções do artista-propheta, que não têm par, que recordam as formosas estrophes de um Victor Hugo na *Lenda dos seculos*...

II

Fala elle e eu desapareço, pedindo perdão de não poder transcrever o que me disse, na sua primitiva rutilante fórma.

—O republicanismos em Portugal é uma religião, uma nova religião humana, sem dogmas nem milagres, que representa a força redemptora, não d'este politico ou d'aquelle governante, mas de todo um povo. Portugal sofre, chora, angustia-se sob o peso de um regimen imoral, embruteador, que o deprime e envilece, e que, tendo encontrado a principio um paiz cheio de todas as virtudes, vae depositando n'elle os germens de todos os vicios. A prova cabal da ingenita bondade da minha patria é que não apodreceu por completo, que a corrupção não conseguiu penetrar nas suas entranhas, salvando-se do contagio do exemplo, do espectáculo da orgia governamental a que estamos assistindo ha tantos annos.

Houve tempo, quando, no principio do seculo XIX, nos regia D. Miguel, em que se enterrou na lama a Constituição do reino. Durante algum tempo não existiram leis. O direito era o capricho do monarcha, a arbitrariedade dos seus vis instrumentos. E em presença d'essa situação, todas as côrtes e chancelarias europeias se surpreenderam, n'um movimento de repugnancia e deasco. Os embaixadores de todas as potencias da Europa, excepto o nuncio e o representante da Hespanha, pediram os seus passaportes e abandonaram Lisboa, para não se tornarem solidarios e cumplices, com a sua presença, d'aquella inaudita situação. Agora, se as actuaes circunstancias se mantiverem por muito tempo, justificar-se-ha egual attitude, comquanto nos estados europeus não exista, infelizmente, a mesma susceptibilidade na defesa do direito publico constitucional, base de toda a civilização moderna.

Mas não importa, e quasi será melhor

que Portugal se baste a si proprio para se redimir e para se regenerar. Não é o preconceito do patriotismo, a exaltação entusiasta e admirativa das qualidades do meu povo, o que me faz esperar que elle, sóinho, possa fazer a necessaria revolução. E' que para alguma coisa Portugal e a Hespanha encheram um dia a historia da Humanidade com os seus grandes navegantes e os seus grandes descobridores. Essa força não se extinguiu em absoluto, ainda que parça amoderrada por culpa do catholicismo e do absolutismo. Todos os povos têm um dia, uma hora, em que despertam, em que se levantam e caminham, em que se compenetraram dos seus destinos e os cumprem.

Portugal, como a Hespanha, foram enter-rados vivos e por espaço de muitos annos, de seculos, permaneceram n'um sono lethargico, cataleptico. Supuham-os mortos, mortos definitivamente, para o progresso, para a cultura, para as letras, para a arte, para o trabalho, para a liberdade. Viviam, e não só viviam, mas, por efeito do seulargo e prolongado repouso, tinham energias de reconstituição poderosas, incalculaveis. A revolução é que fará valer essas forças, agora em Portugal, amanhã em Hespanha. Se a Portugal couber a honra de se adeantar, é porque em Portugal não existem, felizmente, os germens de dissolução e de separatismo que ha em Hespanha. No vosso paiz, a unidade, artificial, fez-se sobre a base do ceu, e o ceu é a coisa mais anti-patriotica que ha no mundo.

Os povos que põem a sua esperança na outra vida, e não para serem melhores, mais valorosos, mais inteligentes, mais ideaes, mas para gosarem o nirvanico repouso do Paraiso, são povos perdidos, porque desprezam esta vida.

N'quelle periodo, grande, magnifico, dos nossos descobrimentos e das nossas aventuras em novos continentes uma inquietação ideal estremecia o nosso ser; mas tambem o dominava a ancia de possuir maiores bens terrenos. Iamos em busca das Indias, á conquista de mundos ignorados, por uma exuberancia vital, que não se satisfazia com o ceu como recompensa e com o presente de pobreza. Caminhavamos excitados pelo desejo de encontrar a nossa Dulcinéa, a mais bela mulher da Terra, e, a cada conquista, a Dulcinéa engrandecia-se, idealisava-se, revestia-se de mais portentozas belezas. Possuindo-a sempre e sempre supondo que genios maos nos a trocavam em suja e grosseira moça, depois de possuida. Por todra parte espalhámos o espirito, cavalheiresco por toda a parte nos erigimos em defensores e definidores da honra, da fidalgnia e da justiça.

Foi isso que se perdeu e é isso que se ha de recuperar: a alma colectiva, a consciencia nacional, profundo sentimento de nos sentirmos unos e solidarizados pela gloria das façanhas e das aventuras. Aniquilou-se, obscureceu-se a alma colectiva, a consciencia nacional, por culpa do Pontificado e da Monarchia.

Depois de termos espirito de homens livres, de homens emancipados, até mesmo das dôres e das fadigas da Natureza, tivemos espirito de escravos, que recebiam chicotadas do Papa e chicotadas do Rei como forças da religião e como galerianos da Monarchia. De dirigirmos o barco como capitães, passamos a remar n'elle sob o commando real ou o commando pontificio, e em vez de jurar resámos e em vez de nós sublevarmos beijámos a cadeias.

Na batalha d'Alcacer Kibri, com a morte de D. Sebastião, morreu a monarchia. Depois foi o rei, este e o outro e todos, uma mumia embalsamada, um cadaver moral em nome de quem uns tantos tyranetes de baixa estofa nos governavam. Chegou a hora de desenterrar o povo e de enterrar a monarchia. E isso ha de ser já, ha de ser em seguida para que os miasmas putridos da decomposição do cadaver real não acabem por infeccionar-nos a todos, e para que o novo Lazaro que é o paiz, ao começar a andar encontre ar respiravel.

III

Portugal tem já, novemente, alma colectiva, consciencia nacional, sentimento de patria. Como? Porque prodigio d'acção, porque phenomeno da vida social? Por obra do apostolado democratico e republicano que tem feito propaganda incessante, apresentando a Republica não como novo regimen d'administração e de politica, que isso não seria bastante, mas como uma nova religião humana, feita de liberdade e de justiça. Os republicanos o disseram ao paiz e o demonstraram: que Portugal não se podia desenvolver, descobrir e utilizar a plenitude das suas energias, se não por meio da republica.

Para ser instruido, para destruir o malphabetismo, necessitava de ter a republica, segundo a formula já historica de Ferry: «Não se deve primeiro fundar escoias para ter a republica, mas estabelecer a republica para fundar escoias.» E o que se diz da instrucção e da educação cabe applical-o á industria, á agricultura, a todo o trabalho nacional. Sem a republica, o imposto continuará exaurindo-nos. O do consumo, por exemplo, só o poderá abolir

a republica. A monarchia precisa d'ene e não o suprimirá porque é cara, porque necessita de fazer grandes despezas para se manter, e d'ahi tira-o do povo, que constitue o maior numero de contribuintes.

Feita esta demonstração, a republica passou de ser uma republica de Platão, ideal, abstracta, apenas existente em sonhos, a ser um governo possivel como na Suissa, como em França, como nos Estados Unidos. E todos abraçaram a causa republicana: proletarios, commerciantes, lavradores, intellectuaes, operarios, como uma religião. Viram que, sem a republica não havia patria, que sem a republica não havia moral, que sem a republica as energias nacionaes iam perder-se na *gaspillage* da horrenda e monstruosa administração. Em Portugal havia republicanos quasi desde meados do seculo XIX; mas eram republicanos que aguardavam tranquilamente, mansamente para um futuro distante, o advento dos seus ideaes. O triumpho tanto podia tardar um seculo como uma dezena de seculos; a evolução lenta da monarchia constitucional e democratica, trat-o hia sem grandes abalos nem convulsões. Que grande erro! A realza foi retrocedendo e hoje estamos peor, com menos liberdade do que quando se promulgou a carta outorgada em 1826.

A monarchia em Portugal sob os Braganças, deixou de ser uma instituição nacional para ser uma familia, uma familia privilegiada. Perguntae-o a todos os monarchicos, a todos os que sejam homens de bem, homens imparciaes e elles vos dirão que serviam o rei, mas não serviam a nação e que sempre que a patria esteve em perigo ao mesmo tempo que a realza pensava em salvar esta, ainda que aquella percesse.

Chegado o regimen a este estado de depressão moral, era necessario, tornava-se indispensavel que os republicanos denunciasssem essa immoralidade, cavando profundos abysmos entre a monarchia e o paiz. Fizeram-no; e a campanha no parlamento dos nossos quatro deputados republicanos merece os maiores louvores e a maior gratidão. Almeida, Braga, Costa e Menezes pizeram a chaga a descoberto e fizeram-no com valor, com rudeza, mesmo, como estava indicado para o tratamento do mal de que enfermava o paiz.

Com essa campanha toda a força moral que a monarchia perdeu, ganhou-a a Republica. Em primeiro lugar, porque esta, que ainda não foi governo, aparece immaculada, limpa de manchas e inculpavel de attentados á Ethica, ao Thesouro publico, ao Parlamento, á Constituição. E em segundo lugar, porque não ha instituições que possam viver sem partidos e todos os partidos monarchicos são responsaveis por essa immoralidade. São os regeneradores, são os progressistas e são os dissidentes. Todos passaram pelo governo, todos souberam e consentiram o que se passava, e se João Franco o confessou, é porque a isso o obrigava o clamor do paiz, e porque se iludiu a ponto de supor que a contiissão das faltas da monarchia seria o bastante para a sua absolvição.

O partido republicano tem a força moral, terá tambem a *força phisica* para responder á violencia com a violencia e á dictadura com a revolução?

Este é o problema de hoje, um problema d'acção pura e não de teoria ou de principios. A monarchia em Portugal está condemnada. Quem executa a sentença e quando a executar? Serão o povo o executor ou d'isso se encarregará o exercito? O futuro a Deus pertence; mas eu sinto, penso e afirmo com todas as condições da minha alma essa verdade, sem controversia: dentro de dois annos ou não haverá Braganças, ou Portugal terá deixado de existir.

Ao partido republicano convem sobremaneira e por todos os meios acuquilar preparos, organizar essa força phisica, porque se o não fizer, corre o risco immediato e inevitavel de perder tambem a sua força moral. E então teremos de perder toda a esperança de redempção.

Não quero entrar em detalhes sobre o que entendo por força phisica do partido republicano, nem apontar o que lhe falta; mas o que afirmo é que conseguida ella, a mudança de regimen é uma questão de duas horas, quasi sem efusão de sangue, a tal ponto chegou a opinião e a consciencia do paiz. Não tenho simpatia alguma pela revolução com a forma classica que espalhou pela Europa a denominação de *provinciamento* como o tipo caracteristico da revolução á hespanhola, mas julgo necessario o auxilio do exercito ao qual está distribuido o papel de prerogativa soberana nos paizes onde não está bastante desenvolvida a energia revolucionaria.

Para tudo é preciso desanuviar o horizon-te internacional, assegurar pelo menos, a neutralidade da Europa. Portugal é um paiz que felizmente tem colonias. Portugal sem colonias não seria nada. Muita gente considera erradamente, incorrendo n'um lamentavel equivoco, que a Monarchia é indispensavel para assegurar a posse das colonias. Quem assim julga esquece o ultimatum da Inglaterra de 1891 que motivou a revolução de 31 de Janeiro no Porto. Quem assim julga esquece que a *familia privilegiada* sempre pensou em salvar-se a si propria e nunca em salvar as colonias. Quem assim julga esquece ou não sabe que nós os republicanos somos tambem e ardentemente partidarios da aliança ingleza e que essa aliança seria muito mais solida, cordeal e proveitosa com a Republica.

Convem destruir, dissipar, todos esses erros, como convem antes de mais nada afirmar a nossa independencia e affirmar-a perante a Europa e perante a Hespanha. *Trop de zèle* da parte dos republicanos hespanhoes pelos republicanos portuguezes ser-nos-ia funesto e mortal.

IV

Eu não creio—como hei de crer?—que as leis sejam más e os homens sejam bons, como se costuma dizer. As leis são sempre melhor do que os homens e a peor lei, é infinitamente mais sabia, mais humana e mais moral que o mais perfeito dos homens; por isso é um erro tremendo supôr que a republica trará indefectivamente o bem do paiz por efeito das suas leis, das suas formas e dos seus processos. Não; se não existisse, como existe em Portugal um partido republicano honrado, intelligente, disposto ao sacrificio, seria, pelo menos, aventureoso pensar na mudança de instituição.

O que importa é formar cidadãos; tendo-os formado, haverá a cidade ideal, a cidade da justiça. O que importa é que as pessoas não façam naufragar os principios com as suas inexperiencias, com as suas divisões, com as suas invejas. Inexperientes, não

porque sabemos governar-nos na opposição e creamos o partido nacional em que está toda a gente; divididos, não porque o povo impoz a união e entre os republicanos é odeada toda a dissidencia, toda a desordem e toda a indisciplina; invejosos, não porque ninguem quer mandar e só se espera que o povo mande.

O que é preciso reformar é o homem e não a lei; toda a questão do regimen é uma questão de pessoas. Com pessoal governante edoneo saturado de proresso, os inglezes são senhores do mundo e os japonezes fizeram uma revolução surpreendente e assombrosa. A monarchia fracaça não só pela sua incompatibilidade com a vida moderna, pela sua negação do direito, pelo absurdo principio da hereditariedade, essas porque feaçaram os seus reis e os seus ministros, porque aquelles são degenerados que já não ganham batalhas, e porque estes são lacaioes que já não dissipam nem ilustram os reis.

Crear homens para a Republica, essa tem sido a tarefa em que nem tudo foi fructo do nosso estorço, visto que n'ella têm inseasatamente colaborado o rei e os seus favoritos. A politica não pode escapar á lei universal de todas as actividades humanas e conscias, e essa lei ensina que a Natureza é o mal, a Natureza é o crime eterno, desde a pedra até ao homem; apesar do que esse crime, essa morte constante, em vida se converte e em bem absoluto, isto é, em Deus.

A verdadeira concepção que nos explica o mysterio da vida universal é a concepção pantheista e como um pantheismo politico devemos nós considerar a republica. Se cada coisa por pequena que seja, é Deus, cada cidadão é poder, é governo, é fonte de direito e de justiça. Quando n'uma nação o individuo mais obscuro, mais humilde, mais ignorante é uma parte da soberania e a soberania total se compõe das vontades livres de todos, n'essa nação ha progresso, ha liberdade, ha civilisação.

Ha de haver-a em Portugal; existirá em Portugal a republica n'um praso muito breve, e se assim não for, elle deixará de existir, ficando apenas como uma simples expressão geographica. A patria é a republica e a republica é a patria.

Quem poderá resignar-se a que a patria se extinga e desapareça?

LUIZ MOROTE

Partido Republicano

Commissão Municipal Republicana de Lisboa

Reune-se hoje 22 do corrente pelas 9 horas da noite na sua séde, Largo de S. Carlos, 4, 2.º.

Tuna de Centro dr. Antonio José d'Almeida

Hoje funciona a aula de musica e solfejo n'esta Tuna, podendo os alumnos comparecer das 9 ás 11.

Grand prix hippico

PARIS, 21 t.—O presidente Fall'eres assistiu á distribuição do premio hippico, partindo em seguida em automovel para Rambouillet.—H.

O fumeiro que se vende na *Merccaria Alemtejana*, rua da Palma, 250 e 250-A é todo feito nas casas dos seus proprietarios, no Alemtejo. Não ha melhor em Lisboa.

As informações e correspondencia noticiosa, da provincia ou de Lisboa, devem ser dirigidas á «Redacção d'A LUCTA».